

VENDILHÕES DO TEMPLO

A Cidade ouviu Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional apregoar a menoridade mental dos estudantes, transformá-los em grupelho de indigentes, que mais não faziam senão desbaratar as contribuições e impostos que a população paga.

Não mentiu apenas o Sr. Ministro: - 9,2 % do Orçamento Geral do Estado destina-se a despesas de Educação, enquanto nada menos de 42 % são imputados em despesas militares e para-militares!...

Não mentia apenas: - tentava, sobretudo, explorar demagógicamente a injustiça social da nossa sociedade, voltando a maioria da população portuguesa - classes trabalhadoras - contra os estudantes, atribuindo a estes as culpas que a outras cabem.

Senhores do monopólio da informação, o Governo e as Autoridades académicas tentaram isolar os estudantes de Coimbra, mas... no dia 2 de Junho de 1969, a população viu aqueles 42 % desfilar apressadamente pelas ruas; a população pôde comprovar que a atitude dos estudantes não era gratuita; a população apercebeu-se de que os objectivos de luta dos estudantes - Autonomia da Universidade e Democratização do Ensino - interessam a toda a população portuguesa.

x x x

UMA A UMA, AS MÁSCARAS VÃO CAINDO...

Tudo conspira, afinal, neste momento de opções sem equívoco, para resolver as ambiguidades em que temos vivido: - era a mitologia que a si próprio se nutria e onde, a coberto da torre de marfim das opções puramente tróicas, os beneficiários do status quo podiam impunemente disfrutar do privilégio do silêncio...

Silêncio sobre os reais desajustamentos pedagógicos; silêncio sobre o monopólio das verdades feitas; silêncio imposto pelo sistema mas intimamente aceite pelos usufrutuários do sistema.

Quando o silêncio se rompe, quando os problemas são trazidos para o forum das grandes decisões, quando se exige a cada um a tomada de posição coerente com os princípios que o silêncio amordaça ou consente, as pessoas definem-se, caem as máscaras, o oportunismo ganha forma de cidade.

Foi o que sucedeu na Faculdade de Letras:

Quando as forças repressivas irromperam pela Universidade, pondo em causa as determinações de uma Academia intuíra, que atitude se exigia das autoridades académicas?

NUNCA o consentimento cobarde que o breve prazo se converteria em activo colaboracionismo. NUNCA a delegação, a denúncia, a convivência directa na detenção de estudantes, a ameaça de prisões, a ameaça do recurso ao chicote. Que autoridade moral, com efeito, poderia invocar mais tarde os que públicamente pisassem aos pés os princípios mais elementares da dignidade humana?

Contudo, o Director da Faculdade de Letras e a corte servil dos seus opaniguados, nem perante a denúncia antecipada a que havíamos procedido em anterior comunicado acharam por bem reflectir um momento que fosse sobre a justiça das suas atitudes...

E novos factos vieram alargar o rol das iniquidades:

- o dr. Costa Pimpo entregou à P.I.D.E. uma lista dos estudantes que mais se tem distinguido na defesa dos interesses dos alunos da Faculdade, por tal solicitando o testemunho do dr. Pereira de Oliveira e de dois contínuos;

- o dr. Costa Pimpo declararia mais tarde que "só por coincidência" (sic) poderia ter forne-

- na sua presença, assiste-se à mais descarada campanha de aliciamento e chantagem sobre colegas indecisos em fazer exames:

-o dr. Gustavo de Frega, professor de Filosofia, incita um aluno a fazer exame, prometendo "uma palavrinha ao Prof. Miranda Barbosa;

-o dr. Alexandre Morujão, professor de Filosofia e com responsabilidades nos Serviços Sociais Universitários, declara a uma aluna que "o exame de História de Portugal é apenas um pro-forma", prometendo a outra o aumento da sua bolsa de estudo;

-o dr. Pacheco de Amorim, professor de Etnologia, tenta aliciar uma aluna com a promessa de que bastará "escrever o cabeçalho e duas linhas" para se considerar passada;

-o dr. Brian Head, que exerce uma intensa campanha psicológica junto de uma aluna, inclusivamente em sua casa e durante várias horas, tentando dissuadi-la de cumprir as decisões da Assembleia Magna;

- o Padre Freire, professor de Grego e Latim, vocifera que os alunos hesitantes deverão ser todos presos.

Todas estas iniciativas ficaram votadas ao malogro perante a atitude digna dos colegas visados, que assim ficaram conhecendo o estafé moral daqueles que têm a seu cargo, não só a sua preparação profissional, como também a sua formação humana...

Senhores Mestres de Humanidades !

Que leitura fizestes das obras dos Antigos, vós a quem falta por completo a JUSTIÇA, incompatível com a consciência do erro e que não vos furterais; e CORAGEM, cepezinhada pelo cálculo mesquinho da oportunidade; e PRUDÊNCIA, que vos faria reflectir e ponderar um instante sobre as atitudes dignas e isentas de alguns dos vossos colegas; e TEMPERANÇA, que vos interditaria o zelo desmedido com que vos encarniçais na repressão e o excesso insultuoso com que respondeis à nossa argumentação objectiva e desapaixanada ?

Que concepção tendes vós de autonomia e de excelência das letras humanas, vós que usais (através da atribuição dos epítetos de subversão e agitação) politicizar um movimento que mais não pretende senão a dignificação da Cultura e de uma Instituição onde ela se possa desenvolver em condições máximas de liberdade ?

Que convicção investis vós nos métodos pedagógicos que propugnais, vós que condenais agora o exame como método de avaliação objectiva de conhecimentos, ao transformá-lo num instrumento político de aliciamento e de chantagem ?

Podereis negar que - contra todo o rigor com que tradicionalmente nos julgaís - estais agora concedendo facilidades inauditas à minoria de alunos que, por timidez de decisão, vacilam no cumprimento das determinações da Assembleia Magna ?

Podereis negar que - contra todo o formalismo burocrático em que vos cumprzeis - estais praticamente dispensando o pagamento das taxas de 2ª chamada, quando - em nome da burocracia - recusastes a abolição dessa mesma taxa quando ela vos foi requerida pela Junta de Decanados de Letras ?

Que sois vós, fariseus hipócritas, que com toda a desfaçatez abandelhais os valores que dizíeis servir e em que vos escudáveis !? que atraíeis a defesa de uma autonomia universitária que só a vós servia, que só a vós permitia o remanso morno da negligência e da auto-suficiência !? vós, que tudo trocáis pelo osso suculento com que os inimigos do Progresso e da Cultura vos acenam !? vós que, pelos trinta dinheiros do opróbrio, sepulteis - na miragem de uma carreira rápida e despiada de todo o escrúpulo científico - qualquer respeito e admiração que, como mestres de ciência, ainda nos poderíeis merecer !?

Mas não vos iludeis !

Vendilhões da vossa própria razão de ser, vós próprios traíeis o caminho ínvio que vos levará à condenação sem apelo, ao suicídio moral onde totalmente soçobrareis !

Quando AQUELES - a quem hoje vos vendeis e que vos sugam toda a dignidade de homens - vos tiverem manipulado quais marionetas deste ridículo quermesse politiquês em que transformastes o ébrio da nossa Faculdade; quando vos tiverem exprimido as últimas gotas ácidas da traição; quando os INIMIGOS DA CULTURA se convencerem de que estais irremediavelmente comprometidos no fracasso de um processo - de que ELES tiveram o maquiavelismo de ficar nos bastidores! - expulsar-vos do templo onde marcadesestes os mitos que vos sustentavam, lançar-vos ao coxote das inutilidades, e quando - réprobos e mínimos - mendigardes a recompensa, responderão levando as mãos na pia hipócrita de Pilatos :

ROMA NÃO PAGA A TRAIÇÕES !